

ARTIGO

A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO NA TRANSIÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA O ENSINO FUNDAMENTAL: uma análise crítica

Beatriz Maria NEGRI⁵

Isabela MAIA⁶

Vitória Fernandes de SOUZA⁷

Igor Aparecido de ANDRADE⁸

Silvia VALLEZI⁹

Resumo

Este estudo teve como objetivo analisar o papel do lúdico na transição da Educação Infantil para o 1º ano do Ensino Fundamental, destacando a possibilidade da diminuição ou perda das vivências lúdicas das crianças ao ingressarem na nova etapa de ensino. Observou-se que a ludicidade desempenha um papel fundamental no desenvolvimento das crianças, promovendo habilidades motoras, cognitivas e socioemocionais. Muitas vezes, essa dimensão do aprendizado é pouco explorada na transição entre esses dois ciclos educacionais. A Base Nacional Comum Curricular ressalta a importância do lúdico em todo o processo de ensino, enfatizando a necessidade de levar em consideração os aspectos afetivos, sociais e culturais dos alunos. Este artigo destaca a relevância e a importância de uma transição planejada, significativa e acolhedora, que promova a continuidade da aprendizagem e a troca de informações entre os professores de diferentes ciclos. As limitações deste estudo apontam para a escassez de pesquisas sobre a comunicação entre docentes de diferentes ciclos de escolarização, indicando, possivelmente, uma lacuna e a necessidade de investigações futuras nessa área. Espera-se que este trabalho incentive práticas educacionais que valorizem o lúdico em todas as etapas da Educação Básica, proporcionando um ambiente de aprendizado enriquecedor e contínuo.

Palavras-chave: Transição; Educação Infantil; Ensino Fundamental I; Lúdico; Crianças.

Abstract

This study aimed to analyze the role of playfulness in the transition from Early Childhood Education to the 1st year of Elementary School, highlighting the possibility

⁵ Graduada em Pedagogia pelo UniAnchieta. E-mail: biamnegri@hotmail.com.

⁶ Graduada em Pedagogia pelo UniAnchieta. E-mail: isa.maaiiaa@gmail.com.

⁷ Graduada em Pedagogia pelo UniAnchieta. E-mail: vitoria.fsouza02@gmail.com.

⁸ Professor-orientador. Docente do cursos de Pedagogia e Educação Física do UniAnchieta. E-mail: igor.andrade@anchieta.br.

⁹ Docente do curso de Pedagogia do UniAnchieta. E-mail: silvia.vallezi@anchieta.br.

of a decrease or loss of playful experiences for children as they enter the 1st year of Elementary School I. It was observed that playfulness plays a fundamental role in children's development, promoting motor, cognitive, and socio-emotional skills. Often, this dimension of learning is underexplored in the transition between these two educational phases. The National Common Core Curriculum emphasizes the importance of playfulness throughout the teaching process, highlighting the need to consider the affective, social, and cultural aspects of students. This study underscores the relevance and importance of a well-planned, meaningful, and welcoming transition that promotes the continuity of learning and the exchange of information among teachers from different educational phases. The study's limitations point to the scarcity of research on communication between teachers from different educational phases, possibly indicating a gap and the need for future investigations in this area. It is expected that this work will encourage educational practices that value playfulness at all steps of Basic Education, providing an enriching and continuous learning environment.

Keywords: Transition; Early Childhood Education; Elementary School I; Playfulness; Children.

Introdução

Este artigo aborda a importância do lúdico na transição da Educação Infantil (EI) para o 1º ano do Ensino Fundamental (EF). Apresenta-se a definição e o conceito de ludicidade, bem como a relação entre o lúdico e o processo de transição da EI para o EF. Discute-se a importância do lúdico no desenvolvimento cognitivo, social e afetivo das crianças nessa fase, explorando a sua conexão com os cinco campos de experiência definidos pela Base Nacional Curricular Comum (BNCC). São abordados os tipos de jogos e brincadeiras adequados para promover uma aprendizagem significativa e prazerosa nessa transição.

Os autores utilizados como referenciais teóricos são Vygotsky, Kishimoto, Ronca, Barbosa, Negrini, Gonçalves, entre outros, além das legislações em vigor. Realizou-se uma pesquisa bibliográfica por meio de palavras-chave como transição, Educação Infantil, Ensino Fundamental I, lúdico, crianças e seus correspondentes em inglês. Foram analisados trabalhos publicados em plataformas acadêmicas – Scielo, Google Acadêmico –, entre 1989 e 2018, além da BNCC, do Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil e do Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania.

Os questionamentos que nortearam este trabalho foram: o lúdico, muito presente na EI, se mantém no primeiro ano do EF? Como é trabalhado o lúdico nessa

transição? Quais são os meios para inserir o lúdico nessa fase?

Sabe-se que, durante a EI, o lúdico tem um espaço amplo de importância para o aprendizado, sendo significativo para o desenvolvimento biopsicossocial de cada criança. Desse modo, este artigo analisa os tipos de jogos e brincadeiras que ajudam no desenvolvimento e na formação do indivíduo, buscando entender a importância da presença do lúdico nesse processo de transição, além de discutir possibilidades para não perder esse recurso no início do EF.

O conjunto de materiais encontrados e analisados possibilitou a organização deste artigo da seguinte forma: o lúdico no desenvolvimento da criança; o lúdico nas normas e diretrizes nacionais; desafios e aspectos da transição da EI para o EF; estratégias para inserção do lúdico no 1º ano do EF.

O lúdico no desenvolvimento da criança

A palavra “lúdico”, que vem do latim *ludos*, tem como significado os jogos e brincadeiras. Huizinga (2004) compreende que o lúdico abrange jogos infantis, recreações, competições, representações teatrais e até jogos de azar. Sendo assim, entende-se que essa estratégia envolve diversas atividades e situações que podem ser desenvolvidas no dia a dia.

O lúdico tem, também, um papel bastante importante no processo de formação da criança, pois, conforme Huizinga (2004), o indivíduo pode desenvolver várias das competências e habilidades que são importantes para sua formação. Luckesi (2005) nos traz a ideia de que a ludicidade é viver plenamente a liberdade, a diversão e se desenvolver de maneira global. “O que a ludicidade traz de novo é o fato de que o ser humano, quando age ludicamente, vivencia uma experiência plena. [...] Não há divisão” (Luckesi, 2005, p. 2).

Segundo Ferrari, Savenhago e Trevisol (2014), o lúdico proporciona à criança seu desenvolvimento físico, cognitivo, afetivo, social e moral. No brincar, a criança desenvolve sua personalidade, sua imaginação e sua autonomia. No jogar, a criança aprende a respeitar regras, condição essencial para uma vida em sociedade.

Além disso, importa destacar que a ludicidade permite desenvolver diversas habilidades que se complementam, como: aprender a correr, pular, se equilibrar, saber

lidar com o ganho ou perda nos jogos, socializar entre os colegas etc. Quando a atividade é desenvolvida tendo em vista a autoestima, a criança eleva sua confiança e se sente mais confortável para interagir com os colegas. Dessa forma, também são desenvolvidos os aspectos sociais das crianças, pois elas aprendem a trabalhar em equipe, a ter empatia, respeitar as pessoas e as regras. Ronca (1989) indica outros benefícios da aprendizagem através do lúdico:

O lúdico permite que a criança explore a relação do corpo com o espaço, provoca possibilidades de deslocamento e velocidades, ou cria condições mentais para sair de enrascadas, e ela vai então, assimilando e gastando tanto, que tal movimento a faz buscar e viver diferentes atividades fundamentais, não só no processo de desenvolvimento de sua personalidade e de seu caráter como também ao longo da construção de seu organismo cognitivo (Ronca, 1989, p. 27).

Segundo Kishimoto (1996), uma forma fácil de aprender é brincando, e isso acontece desde a infância de um indivíduo. A criança pode aprender rapidamente quando se diverte, se sente segura e está em um ambiente leve. Diante disso, o brincar se faz necessário em todas as fases da infância, e não apenas na EI. Através da criatividade e imaginação, as crianças podem transformar a realidade em um mundo de fantasias, na qual tudo se torna mais leve. Ainda de acordo com a autora, o brincar faz com que o indivíduo desenvolva capacidades importantes, como: imaginação, memória, atenção, imitação e socialização.

De acordo com Vygotsky (1998), o brincar é essencial para a criança desenvolver seu campo cognitivo, pois os processos de simbolização e de representação levam o indivíduo ao pensamento abstrato. O pesquisador ainda declara que o desenvolvimento cognitivo acontece à medida que a criança se conecta com o meio em que vive, possibilitando novas experiências e aprendizados, ou seja, é mais do que necessário que a criança esteja em contato com o ambiente, brincando e se envolvendo para que haja significação em sua aprendizagem e desenvolvimento.

Para um desenvolvimento social, Vygotsky (1998) afirma que, ao brincar, a imaginação, a fantasia e a realidade da criança colaboram na construção de novas formas de construir relações sociais com outros indivíduos. Podemos ter como exemplo duas crianças em um parque, cada uma brincando sozinha, até que, em um determinado momento, elas se conectam e vão se permitindo construir relações e

brincam juntas; esse é o desenvolvimento social sendo incentivado e estimulado.

Pensando no desenvolvimento afetivo, a ludicidade impacta diretamente nas emoções da criança, pois os jogos permitem as vivências em grupos, a aprendizagem da cooperação e da construção de laços. Assim como dito por Loos-Sant'ana e Barbosa (2017 p. 449), “[...] a afetividade está relacionada à sensibilidade – a se permitir sentir o mundo em suas várias possibilidades de interação”. Desse modo, pode-se pensar que proporcionar uma vivência de jogos e brincadeiras é dar a oportunidade para o indivíduo desenvolver sua afetividade e sua relação com o mundo e com as pessoas que o envolvem.

A respeito do desenvolvimento motor, Gonçalves (2009) apresenta algumas contribuições, mostrando que os jogos podem oferecer à criança benefícios na questão motora. O autor diz que, quando inserido em um espaço no qual lhe é permitido exercer os movimentos e explorar as sensações, o indivíduo constrói conceitos espaciais e direções objetivas – esquerda, direita, em cima e embaixo –, que são conhecimentos de grande relevância para a vida.

Ao agir sobre o meio, a criança aprende a interpretar as informações sensoriais de acordo com o espaço e a construir conceitos espaciais, considerando-se aspectos sensoriais e motores. Como no espaço não existem direções objetivas, as noções espaciais, tais como direita, esquerda, em cima, embaixo, atrás e na frente, são referenciadas a partir da ação do corpo no espaço externo, que nos leva a antecipação da ação, devido às referências vividas e agora percebidas (Gonçalves, 2009, p. 51).

Por meio desses estudos, é possível observar como o lúdico possibilita o desenvolvimento cognitivo, social, afetivo e motor da criança, proporcionando experiências significativas em sua formação.

O lúdico nas normas e diretrizes nacionais

A BNCC, homologada em dezembro de 2017, teve como objetivo reformular os currículos das redes escolares, estabelecendo o conjunto de aprendizagens essenciais para todas as etapas da Educação Básica, garantindo uma educação de qualidade para todos, visando a formação integral dos indivíduos e valorizando a diversidade.

De acordo com a BNCC (2018), as interações e as brincadeiras são os pilares fundamentais das práticas pedagógicas na EI. Nessa fase, é fundamental que as

crianças convivam com outras crianças e adultos, pois isso proporciona aprendizagem, desenvolvimento e socialização. Durante as interações e a participação em brincadeiras, ocorrem a expressão de sentimentos, a mediação das frustrações, a resolução de conflitos e a regulação das emoções.

Na EI, é necessário criar condições para que as crianças se tornem ativas, enfrentem desafios, conflitos e busquem resolvê-los, com base nos direitos de aprendizagem e desenvolvimento estabelecidos na BNCC, que incluem conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se.

Os direitos de aprendizagem e desenvolvimento da EI são apresentados da pela BNCC (2018) da seguinte forma:

- **Conviver** com outras crianças e adultos, em pequenos e grandes grupos, utilizando diferentes linguagens, ampliando o conhecimento de si e do outro, o respeito em relação à cultura e às diferenças entre as pessoas.
- **Brincar** cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos), ampliando e diversificando seu acesso a produções culturais, seus conhecimentos, sua imaginação, sua criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais.
- **Participar** ativamente, com adultos e outras crianças, tanto do planejamento da gestão da escola e das atividades propostas pelo educador quanto da realização das atividades da vida cotidiana, tais como a escolha das brincadeiras, dos materiais e dos ambientes, desenvolvendo diferentes linguagens e elaborando conhecimentos, decidindo e se posicionando.
Explorar movimentos, gestos, sons, formas, texturas, cores, palavras, emoções, transformações, relacionamentos, histórias, objetos, elementos da natureza, na escola e fora dela, ampliando seus saberes sobre a cultura, em suas diversas modalidades: as artes, a escrita, a ciência e a tecnologia.
- **Expressar**, como sujeito dialógico, criativo e sensível, suas necessidades, emoções, sentimentos, dúvidas, hipóteses, descobertas, opiniões, questionamentos, por meio de diferentes linguagens.
- **Conhecer-se** e construir sua identidade pessoal, social e cultural, constituindo uma imagem positiva de si e de seus grupos de pertencimento, nas diversas experiências de cuidados, interações, brincadeiras e linguagens vivenciadas na instituição escolar e em seu contexto familiar e comunitário (Brasil, 2018, p. 38).

Esse documento estabelece cinco campos de experiências para o

desenvolvimento das crianças. São eles: “o eu, o outro e o nós”, que envolve relações interpessoais e valores; “corpo, gestos e movimentos”, que abrange atividades físicas e expressão corporal; “traços, sons, cores e formas”, que valoriza a expressão artística e estética; “escuta, fala, pensamento e imaginação”, que estimula a comunicação e o pensamento crítico; “espaços, tempos, quantidades, relações e transformações”, que envolve noções matemáticas. Esses campos proporcionam uma educação abrangente, estimulando aspectos sociais, emocionais, físicos, cognitivos e culturais nas crianças.

A BNCC destaca a importância do lúdico também para o EF, como forma de ser um recurso pedagógico de grande valor nesse processo de aprendizagem.

O ato de brincar contribui para um melhor desenvolvimento da criança em todos os aspectos físico, afetivo, intelectual e social. Brincando, a criança organiza e constrói seu próprio conhecimento e conceitos, relaciona ideias, estabelece relações lógicas, desenvolve a expressão oral e corporal, reforça as habilidades sociais e reduz a agressividade (Loos-Santana; Barbosa; Marinho, 2007, p. 88).

Além dos aspectos cognitivos, é necessário valorizar também os aspectos emocionais, sociais e culturais dos alunos, independentemente da idade. Por isso, a BNCC ressalta uma educação com estratégias lúdicas, para que os professores promovam aulas mais dinâmicas e divertidas. Dessa forma, o professor pode trabalhar habilidades como o trabalho em equipe, a cooperação e a colaboração entre eles, o enfrentamento e resolução de novos desafios, a criatividade e a autonomia individual.

Nessa perspectiva, de acordo com a BNCC:

A interação durante o brincar caracteriza o cotidiano da infância, trazendo consigo muitas aprendizagens e potenciais para o desenvolvimento integral das crianças. Ao observar as interações e a brincadeira entre as crianças e delas com os adultos, é possível identificar, por exemplo, a expressão dos afetos, a mediação das frustrações, a resolução de conflitos e a regulação das emoções (Brasil, 2018, p. 39).

Kishimoto (1994) ainda ressalta a importância dos jogos e brincadeiras para um melhor processo de aprendizagem e o efeito deles na vida da criança dentro do ambiente escolar:

Por meio de uma aula lúdica, o aluno é estimulado a desenvolver sua criatividade e não a produtividade, sendo sujeito do processo pedagógico. Por meio da brincadeira o aluno desperta o desejo do saber, a vontade de participar e a alegria da conquista. Quando a

criança percebe que existe uma sistematização na proposta de uma atividade dinâmica e lúdica, a brincadeira passa a ser interessante e a concentração do aluno fica maior, assimilando os conteúdos com mais facilidades e naturalidade (Kishimoto, 1994, p. 49).

A BNCC, para o EF, diferentemente da EI, organiza-se em áreas do conhecimento. Essas áreas preservam as especificidades e os saberes próprios construídos e sistematizados nos diversos componentes e mobiliza operações cognitivas cada vez mais complexas e a sensibilidade para apreender o mundo, expressar-se sobre ele e nele atuar (Brasil, 2018, p. 59).

A BNCC para o EF – anos iniciais, ao valorizar as situações lúdicas de aprendizagem, aponta para a necessária articulação com as experiências vivenciadas na EI:

Tal articulação precisa prever tanto a progressiva sistematização dessas experiências quanto o desenvolvimento, pelos alunos, de novas formas de relação com o mundo, novas possibilidades de ler e formular hipóteses sobre os fenômenos, de testá-las, de refutá-las, de elaborar conclusões, em uma atitude ativa na construção de conhecimentos. Nesse período da vida, as crianças estão vivendo mudanças importantes em seu processo de desenvolvimento que repercutem em suas relações consigo mesmas, com os outros e com o mundo (Brasil, 2018, p. 57-58).

As características dessa faixa etária demandam um trabalho no ambiente escolar que se organize em torno dos interesses manifestos pelas crianças. E, de fato, o lúdico está presente em suas vivências mais imediatas, de modo que, ao trazer essas experiências para o contexto da escola, a articulação entre os conhecimentos prévios e aqueles a serem desenvolvidos, podem ser ampliados de forma mais harmoniosa.

A partir dessa significação do lúdico para o desenvolvimento global da criança, é possível refletir acerca da transição da EI para o primeiro ano do EF e entender a importância de se manter os jogos e brincadeiras nesse processo.

É necessário assegurar que a transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental ocorra da forma mais natural possível, não provocando nas crianças rupturas e impactos negativos no seu processo de escolarização (Brasil, 2006, p. 3).

Observa-se que esse processo deve ser leve, acolhedor e sem causar impactos negativos às crianças. Sendo assim, ao trazer a ludicidade para os anos iniciais do EF, proporciona-se um ambiente mais propício ao desenvolvimento infantil e evita-se que

elas vivenciem uma ruptura e compreendam que, no primeiro ano do EF, deve-se somente fazer tarefa e “aprender a ser adulto”.

Desafios e aspectos da transição da EI para o EF

Viver a trajetória escolar através da ludicidade traz leveza, diversão e aproveitamento para o indivíduo. Percebe-se que, na EI, as atividades desenvolvidas são baseadas na ludicidade. Borba (2020) apresenta, em seu livro “Educação Infantil: cotidianos e políticas”, estudos de diversas autoras renomadas na área da pedagogia, como Patrícia Corsino e Maria Fernanda Nunes, que mostram como as vivências na EI são mais integradas ao lúdico. Por meio dessas pesquisas, é possível observar que as crianças de até cinco anos vivem os dias letivos cercadas de muitos jogos, brincadeiras, diversão, liberdade e ludicidade em todos os ambientes escolares.

A questão central reside no período de transição após a EI, ou seja, como esse momento de ingresso no EF é abordado e quais são as medidas tomadas para garantir que a entrada no primeiro ano do EF seja acolhedora e bem-sucedida para a criança.

Furlanetto, Medeiros e Biasoli (2020) desenvolveram uma pesquisa com crianças do primeiro ano do EF oriundas da EI, na qual foi realizada uma entrevista, indagando como foi o processo de transição entre as etapas e as diferenças verificadas por elas. Os relatos colocados em tese foram a questão do brincar, pois os pequenos afirmaram que, antes, o brincar era livre e que, agora, no EF, brincar é visto como “coisa de criancinha” e estudar tinha se tornado mais sério: “agora precisamos abrir mão da brincadeira para focar em estudos e tarefas”.

Segundo Barbosa (2006), juntamente com a chegada do EF, é posta sobre as crianças uma pressão social, exigindo-se que as elas renunciem à infância e se coloquem em segundo plano, pois o “foco”, agora, é se preparar para ser adulto e lidar com as várias lições do dia a dia.

No entanto, o lúdico, o brincar, as vivências, fazem bem para o desenvolvimento social, afetivo, cognitivo e motor do indivíduo, independentemente da idade em que ele se encontra. Principalmente na infância, isso deve ser visto como prioridade, inclusive após o período da EI, pois contribui para o desenvolvimento da memorização, dos movimentos, das emoções, da fala, da vivência em sociedade, do respeito às regras,

da liberdade, da exploração, da construção e da criatividade, assim como é citado por Negrine (1994):

As contribuições das atividades lúdicas no desenvolvimento integral indicam que elas contribuem poderosamente no desenvolvimento global da criança e que todas as dimensões estão intrinsecamente vinculadas: a inteligência, a afetividade, a motricidade e a sociabilidade são inseparáveis, sendo a afetividade a que constitui a energia necessária para a progressão psíquica, moral, intelectual e motriz da criança (p. 19).

As diferenças entre escolas de EI e de EF não se restringem à condução didático-metodológica, ao perfil dos professores ou à concepção pedagógica. Há aspectos bem visíveis, materializados na sua arquitetura, nos seus espaços externos e internos, na forma de organização da sala de aula, dentre outros que comunicam, expressam o que se pensa e como se age em relação às crianças. Os ambientes da EI, costumeiramente, são coloridos, com espaços para brincar, com brinquedos distribuídos pelos pátios, tornando-se, assim, acolhedores e convidativos à permanência.

Nos do EF, em sua grande maioria, a não ser naquelas escolas que atendem também a EI, os brinquedos geralmente estão ausentes, as cores da pintura são monolíticas, a predisposição das salas de aula possui estrutura rígida e, nos pátios, há pouco espaço para circulação e diversão das crianças.

Assim como foi dito por Dias e Campos (2015) citado por Rissato e Timm (2022):

Isto faz com que se interrogue: por que tanta disparidade? Qual a razão de pensar tão diferente para atender crianças que são muito semelhantes em seus parâmetros de faixa etária e de desenvolvimento? Quando na educação infantil a escola e os professores estão aptos a oferecer o lúdico como instrumento dinamizador do processo ensino-aprendizagem, estabelece-se um processo de ensino aprendizagem prazeroso, dinâmico e construtivo, o que possibilita a qualidade do aprendizado escolar, bem como, instaura relações saudáveis no ambiente (alunos/alunos; alunos/professores), gerando aprendizagem concreta que interfere de maneira profunda no desenvolvimento da criança (Rissato; Timm, 2022, p. 66).

O lúdico é muito mais abrangente do que o brincar, é uma dimensão da realização humana, embora a brincadeira ocupe parte significativa da criança, seja um constituinte da vida humana e pode transformar-se numa forma de simular a resolução de conflitos e ansiedades, mediar situações angustiantes, estimular a criatividade, fugir

da pressão da realidade e auxiliar na estabilização das emoções. Por meio da brincadeira, a criança intercala momentos de fantasia e realidade objetiva. Segundo Nogaro (2012), o professor precisa estar ciente de que brincar se constitui na exteriorização ou manifestação de como a criança se estrutura mentalmente, internamente.

O lúdico continua sendo presente nos dois períodos, mas aparece de formas distintas. Santos (2013) verificou, no contexto do EF, que existem brincadeiras, mas poucas partem das próprias crianças, e geralmente são jogos de regra e exercícios, sendo raras as de faz-de-conta.

Segundo Bressan (2014), as professoras sabem da importância do lúdico, mas, muitas vezes, faltam subsídios teóricos para basear sua prática pedagógica. O pesquisador apresenta como significativo para um maior engajamento da ludicidade a reflexão sobre a prática educativa e a formação de professores sobre o tema, proporcionando momentos de troca de conhecimento, aprendizagem e assistência.

Santos (2018) trouxe contribuições com sua pesquisa a partir da análise da presença do lúdico nos Currículos Estatais, analisando o do Distrito Federal, e dos discursos das crianças e das professoras. Na análise dos Currículos, verificou a presença do lúdico como indicação, objetivo e conteúdo curricular. Havia uma grande união entre a ludicidade e conteúdos relacionados com Artes e Educação Física. Além disso, percebeu a associação “[...] do lúdico a vários elementos da aprendizagem como autonomia, criatividade, e pensamento matemático” (Santos, 2018, p. 220).

Já a pesquisadora Sá (2015), citada por Rodrigues (2022), percebeu que objetivos específicos não são associados às atividades corpóreas, que ocorrem, geralmente, em momentos recreativos. Os professores reconhecem a importância e, a partir da mudança do currículo, adicionaram um maior período para brincadeiras, mas sentem falta de preparação para trabalhar com questões relacionadas ao corpo e movimento. Além disso, sentem grande exigência da escola na questão da alfabetização, dando prioridade a isso.

Segundo Cintra (2012), o ato motor ainda não é considerado pela escola algo importante para o desenvolvimento, ainda mais para o cognitivo e o afetivo. A escola não se sente responsável por oportunizar momentos em que as crianças “[...]”

vivenciem o espaço físico, fundamental para a construção do espaço mental, e [...] momentos para brincadeiras de ficção, importantes para o fortalecimento da representação” (p. 103).

A EI e o EF são etapas importante da Educação Básica, pois de, acordo com a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), a educação básica obrigatória é dividida em etapas, iniciando na EI. Por essa razão, Kramer (2013), relata que essas duas fases devem ser planejadas juntas, por se complementarem e serem fundamentais para o desempenho acadêmico da criança.

Segundo Barbosa, Delgado e outros (2012), a transição é um momento em que a criança ingressa em um ambiente diferente com novas pessoas, culturas e conteúdo, ou seja, com novos compromissos e exigências, o que provoca mudanças na vida da criança e das pessoas que passam por esse processo juntas com ela. Deste modo, se faz necessário construir um diálogo entre essas etapas iniciais da Educação Básica.

Esses aspectos precisam ficar claros, para que não mudemos o curso do processo pedagógico com as crianças, valorizar a escola da infância e o protagonismo infantil. Por isso é necessário construirmos coletivamente ações pedagógicas que fomentem a questão da transição entre a educação infantil e o ensino fundamental, uma vez que a crianças é criança até os 12 anos de idade (Beber; Ferreira, 2020, p. 217).

Para criar um ambiente estimulador, é preciso ter ciência de que, mesmo a criança ingressando no EF, ela continua sendo criança. Sendo assim, é importante que as atividades lúdicas estejam presentes nas práticas pedagógicas que são planejadas para essa faixa etária. De acordo com Freire (2002), as práticas desenvolvidas devem contar com a participação do aluno na construção do conhecimento, como um processo de colaboração e troca, para que ele tenha acesso a um leque de possibilidades para se desenvolver.

Segundo Krueger (2019), para ensinar nos anos iniciais, o professor irá partir de diversos métodos que se adaptem às necessidades dos alunos, podendo verificar ao longo das aulas qual deles corresponde melhor aos objetivos planejados para determinado ano. Sendo assim, compreendemos que o processo de transição gera impactos na vida de quem passa por ele, devido às suas transformações, e, por isso, deve-se buscar planejar práticas que deem continuidade às aprendizagens da criança

e criem, nela, o desejo de dar sequências aos saberes.

A BNCC (2018) orienta os envolvidos a planejarem o processo de transição da EI para o 1º ano do EF de maneira atenta, para que não exista rompimento nos conhecimentos e nos elos construídos na fase anterior, mas que sigam uma sequência didática ao longo do ano letivo.

Estratégias para a inserção do lúdico no 1º ano do EF

Metodologias ativas e abordagens pedagógicas que valorizam o lúdico nessa etapa de transição e a parceria entre professores de EI e EF, bem como a formação e capacitação desses profissionais, são estratégias fundamentais para a inserção do lúdico nessa fase.

Kishimoto (2011) traz uma reflexão importante para o ato lúdico: a autora mostra que os jogos e brincadeiras devem ter uma intenção dada pelo adulto, no caso, o professor em sala de aula. É necessário que a intenção da criança seja apenas brincar, mas que, por trás desse momento, haja uma intencionalidade do educador em potencializar a aprendizagem do indivíduo. A proposta é que, para a criança, seja apenas uma amarelinha, quando, na verdade, a intenção é que ela desenvolva a aprendizagem dos números.

Quando as situações lúdicas são intencionalmente criadas pelo adulto com vistas a estimular certos tipos de aprendizagem, surge a dimensão educativa. Desde que mantidas as condições para expressão do jogo, ou seja, a ação intencional da criança para brincar, o educador está potencializando as situações de aprendizagem (Kishimoto, 2011, p. 41).

Segundo Kramer (2007, p. 20), “educação infantil e ensino fundamental são indissociáveis: ambos envolvem conhecimentos e afetos, saberes e valores, cuidados e atenção, seriedade e riso”. Porém, assim como afirma Nascimento (2007), o EF, ao longo de sua história, não tem considerado o corpo, o universo lúdico, os jogos e as brincadeiras como prioridade. Logo, parte-se do pressuposto de que não se pode dispensar a brincadeira, porque ela é essencial para entender como a criança interpreta o mundo e possibilita que a conheçamos melhor, já que o processo do brincar referencia-se naquilo que os sujeitos conhecem e vivenciam. (Borba; Goulart, 2007).

O brincar pode ser inserido no EF com o intuito de melhorar a aprendizagem, a frequência e a participação dos alunos. A contribuição do brincar no processo de aprendizagem deve-se à relação entre afeição e cognição, além de ampliar o repertório de habilidades adquiridas pela criança. No que se refere à frequência, pode-se dizer que o brincar possibilita que os alunos vejam na escola um ambiente capaz de proporcionar diversão e aprendizagem significativa. Por fim, a ação lúdica tem relação com a participação dos alunos, pois oportuniza a exposição de conhecimentos já adquiridos, especialmente fora do ambiente escolar e porque a brincadeira é isenta das pressões pelo medo do “erro” existentes em outros ambientes de aprendizagem. Quando se possibilita espaço para brincar, a criança encontra na escola um clima de confiança, respeito e responsabilidade.

A instituição escolar, seja na Educação Infantil ou no Ensino Fundamental, deve ser um espaço que garanta à criança fazer aquilo que lhe é peculiar: imaginar, criar, brincar, aprender, interagir e produzir cultura. É essa experiência cultural que é capaz de articular os dois níveis de ensino, pois para as crianças não há distinção entre uma coisa e a outra (Ferreira, 2012, p. 43).

Para que as crianças aprendam, é importante que encontrem espaço para mexer, desvendar, provar, deduzir e investigar trabalhando todas as áreas do currículo de forma articulada. Só por meio da experiência elas podem elaborar os conceitos espontâneos para, conseqüentemente, construírem os conceitos científicos. Para qualificar a ação pedagógica, é importante considerar o que a criança aprendeu antes de iniciar o EF e recuperar o caráter lúdico da aprendizagem, mais presente na EI. O foco principal no início desse período é a alfabetização, sem esquecer-se da formação social, cultural e artística da criança, além da iniciação dos conhecimentos sobre cálculo e natureza. As crianças devem ser cuidadas e educadas independentemente do ciclo em que está inserida.

Reforçar a formação dos profissionais de educação infantil pela apreensão das descobertas mais recentes em relação às crianças pequenas é crucial. Isso, sem mencionar a necessidade de organizar adequadamente os espaços nas instituições educativas, os quais terão que, obviamente, respeitar e oportunizar o processo de desenvolvimento dos pequenos (Silva; Bolsanello, 2002, p. 2).

Essa inserção do lúdico no 1º ano do EF é essencial para uma aprendizagem mais envolvente, sendo uma forma dos alunos aprenderem com mais facilidade e até

mesmo qualidade. É necessário que o educador planeje a aula com mais antecedência para que ela seja realmente eficaz e produtiva.

O lúdico permite que a criança explore a relação do corpo com o espaço, provoca possibilidades de deslocamento e velocidades, ou cria condições mentais para sair de enrascadas, e ela vai então, assimilando e gastando tanto, que tal movimento a faz buscar e viver diferentes atividades fundamentais, não só no processo de desenvolvimento de sua personalidade e de seu caráter como também ao longo da construção de seu organismo cognitivo (Ronca, 1989, p. 27).

Uma forma de introduzir esse lúdico é dividir a aula em dois momentos, sendo teórico e prático, tornando o momento mais divertido. Os jogos de cartas, tabuleiros, quebra-cabeças fazem com que o aluno aprenda a trabalhar em equipe, dessa forma, aprendendo cooperativamente. Outra maneira é o teatro e a contação de histórias, que tornam o aprendizado mais envolvente e estimulam a criatividade.

Outras estratégias que podem ser utilizadas na prática pedagógica são: criar maquetes, cartazes e desenvolver atividades por meio de músicas. Essas ferramentas podem despertar o interesse das crianças e facilitar o desenvolvimento de habilidades previstas na BNCC, como as práticas orais e as que se prestam à apreciação e ao compartilhamento de conhecimentos, a crítica, recriação e diálogo.

A respeito dos tipos de jogos para aplicar na idade aqui proposta – 5 a 7 anos –, é bastante livre, pois os jogos e brincadeiras tradicionais, como amarelinha, pega-pega, corre cutia, forca, jogo da memória, jogos e brincadeiras simbólicos, como o faz-de-conta (mamãe e filinha, cozinha, mercado, escola), podem colaborar no desenvolvimento integral da criança de forma conjunta.

Em uma brincadeira ou jogo de “pega-pega”, por exemplo, além das regras tradicionais, pode-se criar a de que, para a criança que foi pega se livrar, ela precisa responder uma continha de adição, ou reconhecer algum número, ou letra, ou soletrar palavras. Nesse jogo, o indivíduo já trabalha as questões cognitivas, motoras, emocionais (para respeitar as regras, saber perder e ganhar) e também o social, pois é uma atividade em grupo.

Da mesma maneira, pode-se adaptar a regra de qualquer outra brincadeira citada, ou simplesmente deixar os jogos e brincadeiras sem adaptações pedagógicas. De qualquer maneira, o desenvolvimento do aluno será instigado e trabalhado de

forma divertida.

Afinal, como diz Catunda (2005), o brincar faz parte da felicidade. As crianças precisam dessa leveza para se desenvolver plenamente.

Brincar é necessário à felicidade e as aprendizagens da vida e que as brincadeiras estão se extinguindo do cotidiano das pessoas. Os educadores têm por função valorizar a felicidade em pequenos gestos proporcionando um maior significado a vida (Catunda, 2005, p. 38).

Nesse processo de transição da EI para o EF, é o planejamento lúdico que se deve ter, para que a criança não saia de um ambiente repleto de ludicidade e entre em um pouco acolhedor, que não possibilite uma aprendizagem prazerosa.

Outra estratégia importante é a possibilidade de se estabelecer relação entre os professores da EI e do EF, bem como proporcionar que as crianças tenham contato com as escolas do EF ainda na etapa da EI. Essa articulação pode dar segurança no processo de transição e fortalecer os vínculos necessário para a não ruptura no processo de escolarização básica.

É válido ressaltar que a BNCC (Brasil, 2018) espera que o professor exerça seu planejamento de aula baseando-se nas vivências das crianças e em suas experiências cotidianas, pois, dessa forma, elas aprenderão de maneira ativa e com significado.

Muniz (2010) também reflete sobre o papel do educador nesse ambiente lúdico e afirma que ele deve estar presente no desenvolvimento da atividade lúdica, a fim de promover observações, reflexões e validações. Dessa forma, haverá um melhor aproveitamento das atividades e o educador pode propor novos desafios no processo.

Os professores têm um papel essencial na transição da EI para o EF. De acordo com Borba e Spazziani (2007, p. 2), “[...] a afetividade é a dinâmica mais profunda e complexa de que o ser humano pode participar”. São indispensáveis a atenção e o melhor tratamento possível para essas crianças, pois, para muitas, é uma fase delicada de mudanças.

Conforme o Pacto Nacional de Alfabetização na Idade Certa (PNAIC, 2012), citado por Soares (2014):

A alfabetização é, sem dúvida, uma das prioridades nacionais no contexto atual, pois o professor alfabetizador tem a função de auxiliar na formação para o bom exercício da cidadania. Para exercer sua função de forma plena é preciso ter clareza do que ensina e como

ensina. Para isso, não basta ser um reproduzidor de métodos que objetivem apenas o domínio de um código linguístico. É preciso ter clareza sobre qual concepção de alfabetização está subjacente à sua prática (Soares, 2014, p. 14).

A formação dos professores do EF é primordial, pois eles estão formando cidadãos para o futuro da sociedade. Esse profissional deve colocar o aluno como o centro do processo de ensino aprendizagem, estimulando a curiosidade natural e incentivando a explorar tudo que há ao seu redor. Devem também colocar problemas para que os alunos possam resolver, trabalhando, assim, com a autonomia e cooperatividade entre eles.

Partindo do pressuposto desse cuidado em manter a ludicidade e entendendo que o brincar, o criar e o jogar ajudam o indivíduo a desenvolver suas ideias e suas práticas, por que não trabalhar de maneira lúdica também com os professores durante suas formações e reuniões semanais, mensais ou semestrais?

Conforme Andrade (2003) *apud* Mendonça (2008):

Acreditamos que a ampliação e a diversidade de experiências oferecidas às crianças lhes fornecem mais elementos para o seu processo de construção de conhecimento e para o desenvolvimento da sua imaginação, da sua capacidade criadora. Não deveríamos acreditar, também, que a experiência acumulada do professor está relacionada à sua imaginação, à sua capacidade de criar? Quando pensamos nos adultos vemos, quase sempre, sua criação como inspiração, como um dom que se tem ou não se tem. Não consideramos que a experiência cultural do adulto pode favorecer sua imaginação. E, provavelmente por isso, a contemplamos pouco nos cursos para educadores. Criação e ludicidade têm muitas semelhanças e são essenciais no processo de formação do ser humano (p. 3).

É possível, assim, demonstrar que o lúdico também traz benefícios ao processo de formação de adultos, em específico os professores, visto que, vivenciando atividades lúdicas, os educadores poderão ampliar a criatividade ao planejar as aulas aos seus educandos.

Dessa maneira, entendemos que o pedagogo deve estar em constante aprendizagem, de forma que planeje suas aulas pensando num bom aproveitamento dos espaços e dos materiais, utilizando recursos lúdicos através das metodologias ativas, a fim de que a aprendizagem seja potencializada e prazerosa nesse período.

Considerações finais

O objetivo deste trabalho foi analisar a presença e importância do lúdico no 1º ano do EF, no qual ocorre a transição de ciclos de escolarização, tendo como resultado a lacuna no campo da ludicidade entre as fases da EI e do EF. A problemática levantada neste estudo foi sobre a inserção do lúdico no EF, avaliando pela ótica de que, na EI, o brincar é livre e muito valorizado. Sendo assim, por que nessa transição das etapas muitas vezes ocorre um rompimento? E o que fazer para manter esse ensino-aprendizagem leve, prazeroso e eficaz?

Dessa forma, este estudo contribui para a compreensão do papel do lúdico como recurso de aprendizagem imprescindível também no EF. Especificamente na transição das etapas – da EI para o 1º ano do EF –, os jogos e brincadeiras trazem benefícios pessoais e sociais para o desenvolvimento do indivíduo, desenvolvendo habilidades e competências, aprimorando a coordenação motora e a criatividade, assim como o aumento da interação social, aspectos importantes para o desenvolvimento biopsicossocial do ser humano.

A BNCC é o documento que norteia a organização do ensino em todo o Brasil e apresenta o lúdico como um recurso valioso no processo educativo, colocando em questão a importância de valorizar os aspectos cognitivos, emocionais, sociais e culturais de cada indivíduo. O documento indica a reflexão necessária sobre possíveis dificuldades que os alunos possam ter nessa transição, tais como: dificuldades emocionais para se desenvolverem em sociedade, dificuldades na adaptação da rotina e no desenvolvimento da autonomia, barreiras na afetividade do aluno com o educador, assim como entre seus colegas de sala. Todos esses entraves podem gerar um bloqueio para o processo de alfabetização e integração na nova etapa. Por esses motivos, é necessária muita atenção para que haja equilíbrio, garantindo, assim, a inserção e continuidade desse processo de aprendizagem.

Nos anos iniciais, o professor deve ter um olhar atento para atender às necessidades individuais de cada criança, buscando o melhor método de ensino e aprendizagem. Com isso, pode-se compreender que é fundamental que a transição seja planejada para que não apresente rupturas na experiência de aprendizado e possibilite

que seja leve, dinâmica e acolhedora. É extremamente relevante a comunicação contínua entre os professores de diferentes ciclos de escolarização, pois são elementos essenciais para troca de informações e garantia de uma transição significativa na mudança de etapa, o que poderá favorecer a aprendizagem das crianças.

Como limitação do estudo realizado, destacamos a dificuldade em encontrar pesquisas e artigos que apresentem relações de comunicação e trocas de informações entre professores de diferentes etapas de escolarização. Essa lacuna indica a necessidade de futuras pesquisas que possam ressignificar e aprimorar a prática profissional, proporcionando uma aprendizagem significativa, acolhedora e prazerosa para as crianças, especialmente durante o período de transição entre os ciclos de escolarização.

Espera-se que esta pesquisa incentive intervenções profissionais que promovam uma educação lúdica, contínua e enriquecedora para as crianças em todas as etapas da Educação Básica.

Referências bibliográficas

BARBOSA, M. C. S. O ensino obrigatório aos 6 anos e sua ampliação para 9 anos trará vantagens ou não aos alunos? **Revista Pátio Pedagógica**, São Paulo, v. 10, n. 37, p. 50-53, fev./abr. 2006.

BORBA, A. M. A brincadeira como experiência de cultura. *In*: CORSINO, P. (Org.). **Educação Infantil: cotidiano e políticas**. Campinas, SP: Autores Associados, 2020.

BORBA, A. M.; GOULART, C. As diversas expressões e o desenvolvimento da criança na escola. *In*: BEAUCHAMP, J.; PAGEL, D.; NASCIMENTO, A. **Ensino Fundamental de nove anos: orientações para inclusão da criança de seis anos de idade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

BORBA, V. R. S.; SPAZZIANI, M. de L. Afetividade no contexto da educação infantil. *In*: Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 30., 2007, Caxambu, MG. **Anais [...]**. Caxambu: Anped, 2007.

BRASIL. **Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania: marcos de referência**. Brasília, DF: MEC, 1990.

BRASIL. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília, DF: 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Ensino Fundamental de nove anos: orientações**

gerais. Brasília, DF: MEC, 2004.

BRASIL. Lei nº 11.274, 6 de fevereiro de 2006. Altera a redação dos arts. 29, 30, 32 e 87 da Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes para o ensino fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos 6 anos de idade. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 3, 07 fev. 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa**: currículo na alfabetização – concepções e princípios. Brasília, DF: MEC, 2012.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>. Acesso em 18 jun. 2023.

CATUNDA, R. **Brincar, criar, vivenciar na escola**. Rio de Janeiro: Sprint, 2005.

FERRARI, K. P. G.; SAVENHAGO, S. D.; TREVISOL, M. T. C. A contribuição da ludicidade na aprendizagem e no desenvolvimento da criança na educação infantil. **Unoesc & Ciência – ACHS**, Joaçaba, v. 5, n. 1, p. 17-22, jan./jun. 2014.

FERREIRA, G. K. C. **A inserção do lúdico no currículo escolar no primeiro ano do ensino fundamental**: reflexões sobre a prática pedagógica. 88 f. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Universidade de Brasília, 2012. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/4913/1/2012_GleiceKellyCamaraFerreira.pdf. Acesso em: 10 set. 2023.

GONÇALVES, F. **Do andar ao escrever**: um caminho psicomotor. São Paulo: Cultural RBL, 2009.

HUIZINGA, J. **Homo ludens**. São Paulo, SP: Perspectiva, 2004.

KISHIMOTO, T. M. **O jogo e a educação infantil**. São Paulo: Livraria Pioneira, 1994.

KISHIMOTO, T. M. **Jogos infantis**: o jogo, a criança e a educação. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

KISHIMOTO, T. M. O jogo e a educação infantil. In: KISHIMOTO, T. M. (Org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

KRAMER, S. A infância e sua singularidade. In: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Ensino fundamental de nove anos**: orientações para a inclusão de crianças de seis anos de idade. Brasília, DF: MEC, 2007. p. 13-24.

KRAMER, S. **A política do pré-escolar no Brasil**: a arte do disfarce. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

LOOS-SANTANA, H.; BARBOSA, P. M. R.; MARINHO, H. R. B. *Pedagogia do movimento universo lúdico e psicomotricidade*. 2. ed. Curitiba: IBPEX, 2007.

LOOS-SANTANA, H.; BARBOSA, P. M. R. Dando voz às crianças: percepções acerca do papel da dimensão afetiva na atividade pedagógica. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 98, n. 249, p. 446-466, maio. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbeped/a/dLpzmVmw4cgqPWn365gkx/bt/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 20 fev. 2025.

LUCKESI, C. Ludicidade e atividades lúdicas: uma abordagem a partir da experiência interna. **Luckesi – ludicidade atividades lúdicas**, 2005. Disponível em: <https://luckesi002.blogspot.com/>. Acesso: 10 mar. 2024.

MARTINS, R. X.; RAMOS, R. **Metodologia de pesquisa: guia de estudos**. Lavras: UFLA, 2013.

MENDONÇA, J. G. R. Formação de professores: a dimensão lúdica em questão. **Cadernos de Pedagogia**, v. 2, n. 3, p. 357, jan./jul. 2008. Disponível em: <https://www.cadernosdapedagogia.ufscar.br/index.php/cp/article/view/55/48>. Acesso em: 28 out. 2023.

MUNIZ, C. A. **Brincar e jogar: enlances teóricos e metodológicos no campo da educação matemática**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

NASCIMENTO, A. A infância na escola e na vida: uma relação fundamental. *In*: BRASIL. Ministério da Educação. **Ensino Fundamental de nove anos: orientações para inclusão da criança de seis anos de idade**. Brasília, DF: MEC, 2007.

NEGRINE, A. **Aprendizagem e desenvolvimento infantil: simbolismo e jogos**. Porto Alegre: Prodil, 1994.

PASCHOAL, J. D.; MACHADO, M. C. G. A história da Educação Infantil no Brasil: avanços, retrocessos e desafios dessa modalidade educacional. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 9, n. 33, p. 78-95, 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639555>. Acesso em: 20 fev. 2025.

PEREIRA, K. R. **A que papel o professor de educação infantil vem sendo convocado?** Aspectos do desenvolvimento da criança frente a escolarização. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/49814/000850610.pdf?sequence=1>. Acesso em: 09 set. 2023.

RISSATO, S. S.; TIMM, J. W. “Entrelugar”: transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental. **Humanidades e Inovação**, Palmas, v. 9, n. 12, p. 63-74, 2022. Disponível

em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/7244>.
Acesso em: 21 jul. 2023.

RODRIGUES, R. M. A. **Uma década de implementação do ensino fundamental de nove anos**: a produção acadêmica sobre a transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental. 138 f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/221106/001125410.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 21 jul. 2023.

RONCA, P. A. C. **A aula operatória e a construção do conhecimento**. São Paulo: Edisplan, 1989.

SILVA, C. R. da; BOLSANELLO, M. A. No cotidiano das creches o cuidar e o educar caminham juntos. **Integração em Psicologia**, v. 6, n. 1, 2002. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/3190>. Acesso em: 09 set. 2023.

SOARES, A. O. S. S. **Alfabetização**: um olhar sobre a prática do professor. 64 f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2014. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/4167/1/PDF%20-%20Adilma%20Oliveira%20Silva%20Soares.pdf>. Acesso em: 10 set. 2023.

VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 1998.